

Em torno de um *(in)visible college* na América Latina¹

Jacicarla Souza da Silva²

Universidade Estadual de Londrina, Paraná, Brasil³
jacicarlasouza@ig.com.br

Recibido: 9 de septiembre de 2013

Aceptado: 11 de febrero de 2014

¹ Artigo de reflexão sobre a atuação das mulheres no contexto intelectual da América Latina nos meados do século XX, desde a perspectiva dos estudos da crítica feminista. Cabe lembrar que as discussões aqui apresentadas integram a tese de doutorado intitulada “Um (in)visible college na América Latina: Cecília Meireles, Gabriela Mistral e Victoria Ocampo”, defendida em 2012 na Universidade Estadual Paulista UNESP/campus de Assis/São Paulo-Brasil.

² Concluiu em 2012 o Doutorado em Letras pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), Assis, São Paulo/Brasil. Atua principalmente nos temas relacionados à literatura latino-americana, literatura de autoria feminina, lírica e cultura hispânica. Coordena atualmente o Grupo de Pesquisa “A produção de autoria feminina na América Latina (1900-1950): diálogos e conexões culturais”. Em 2009 publicou o livro *Vozes femininas da poesia latino-americana: Cecília e as poetisas uruguaias* pela editora Cultura Acadêmica (São Paulo), 224 páginas.

³ Docente do Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade Estadual de Londrina (UEL), Paraná/Brasil.

Em torno de um (in)visible college na América Latina

Resumo

É com base no conceito de «invisible college», da crítica chilena Ana Pizarro (2004), o qual destaca a formação de alguns grupos de escritoras que, nas primeiras décadas do século XX, estabelecem redes de contatos tanto intelectuais quanto pessoais, que este estudo pretende repensar a produção de autoria feminina dentro do contexto latino-americano, como forma de evidenciar a importância da formação e da articulação desses núcleos femininos no que diz respeito à sua incorporação nos espaços dominados pelos homens. Para isso, a partir do acervo da poetisa Gabriela Mistral, este trabalho tem o objetivo de mostrar o diálogo estabelecido entre ela e a poetisa Cecília Meireles, como forma de destacar a constituição de um grupo de escritoras que atuaram nesse universo feminino da América Latina nos meados do século XX, a fim de destacar a pluralidade de vozes femininas nesse contexto.

Palavras-chave: América Latina; mulher; literatura; intelectual; Gabriela Mistral; Cecília Meireles

En torno a un (in)visible college en América Latina

Resumen

Es con base en el concepto de «invisible college», de la crítica chilena Ana Pizarro (2004), el cual destaca la formación de algunos grupos de escritoras que, en las primeras décadas del siglo XX, establecen redes de contacto tanto intelectuales como personales, que este estudio pretende repensar la producción de autoría femenina dentro del contexto latinoamericano, como forma de evidenciar la importancia de la formación y de la articulación de esos núcleos femeninos respecto a su incorporación en los espacios dominados por los hombres. Para esto, partiendo del acervo de la poetisa Gabriela Mistral, este trabajo tiene el objetivo de mostrar el diálogo establecido entre ella y la poetisa Cecília Meireles, como forma de destacar la constitución de un grupo de escritoras que actuaron en ese universo femenino de América Latina a mediados del siglo XX, buscando destacar la pluralidad de voces femeninas en este contexto.

Palabras clave: América Latina; mujer; literatura; intelectual; Gabriela Mistral; Cecília Meireles

Around an (In)Visible College in Latin America

Abstract

Based on the concept of «invisible college» of Chilean critic, Ana Pizarro (2004) -a concept that highlights the creation of some groups of writers that established contact networks, both intellectual and personal, during the first decades of the 20th century-, the aim of this study is to rethink the feminine-authored production within the Latin-American context. Said production is to be considered as the evidence of the importance of the creation and organization of these feminine cores in relation to their inclusion into spaces dominated by men. For this purpose, and starting with the works of poet Gabriela Mistral, the objective of this work is to show the dialogue established between her and poet Cecilia Meireles. In this way, we can highlight the creation of a group of writers that acted in this feminine universe in Latin America -halfway through the 20th century-, with the aim of emphasizing the plurality of feminine voices in this context.

Keywords: Latin America; woman; literature; intellectual; Gabriela Mistral; Cecilia Meireles

A crítica feminista na América Latina: considerações sobre o conceito de *invisible college*

Ao considerar os estudos da crítica feminista dentro do cenário latino-americano, é somente a partir da segunda metade dos anos 80, como se sabe, que aparecem notáveis contribuições em torno desta perspectiva teórica.

As ideias difundidas pelos movimentos feministas sobretudo francês e anglo-americano foram cruciais para a tomada de consciência das mulheres em diferentes países. Ao tratar, entretanto, da crítica feminista na América Latina, as preocupações atuais consistem em não perder de vista as particularidades evidentes nesse contexto. Trata-se, como lembra Simone Pereira Schmidt (2004, p.21), de observar as especificidades culturais latino-americanas, sem deixar de lado as teorias vindas de outros países, ou mesmo a contribuição das “matriarcas”, como denomina a autora ao se referir às estudiosas feministas de língua inglesa e francesa.

Não há como, efetivamente escrever a história do feminismo reivindicando uma especificidade construída a partir de fora da nossa experiência. Por isso talvez a tarefa mais urgente para a teoria feminista agora seja a de reler sua história do movimento de mulheres na América Latina e as teorias produzidas no espaço acadêmico, traduzidas (no sentido de tradução assinalado por Homi Bhabha como tarefa da crítica pós-colonial) dos grandes centros hegemônicos. (Schmidt, 2004, p.21)

Os comentários feitos por Schmidt reforçam a preocupação que já havia sido apontada anteriormente por Heloisa Buarque de Hollanda na apresentação do livro *¿Y nosotras latinoamericanas?: estudio sobre género e raza* (1992), o qual corresponde a uma publicação, sem dúvida, precursora no Brasil no que diz respeito à ideia de integração da produção de autoria feminina dentro dos diferentes países da América Latina.

Apesar de 20 anos já terem se passado depois da publicação da obra organizada por Hollanda, muitas inquietações e lacunas ainda persistem no campo teórico da crítica feminista latino-americana. É diante dessa constatação que este trabalho pretende apresentar o diálogo entre as escritoras Cecília Meireles (1901-1964) e Gabriela Mistral (1889-1957), não pela perspectiva da crítica tradicional que

tenta rotulá-las e estereotipá-las⁴, mas sim pelo viés que tende a vê-las de maneira articulada e engajada no que tange à ideia de integração das culturas entre os diferentes países da América Latina, como também no que diz respeito a atuação dessas mulheres dentro do universo literário.

Ana Pizarro (2004) ressalta a importância da formação de grupos de mulheres que se articularam com a finalidade de promover tanto suas obras quanto a produção de autoria feminina. Desta forma, Pizarro apresenta o conceito de “*invisible college*”, pensado a partir das particularidades em torno do universo feminino, em especial, dentro do cenário literário latino-americano. Ao definir esse termo, a autora chama a atenção para o discurso e o perfil de alguns grupos de escritoras que, nas primeiras décadas do século XX, estabelecem uma rede de contatos tanto intelectuais (leituras, diálogos) quanto pessoais. Isto acabou favorecendo uma postura de reflexão acerca da própria condição a que elas estavam circunscritas.

As mudanças presenciadas no começo do século XX na América Latina, que vivenciou a transição do sistema econômico com base agrária para o sistema industrial, foram também presenciadas nas esferas sociais. Essa tensão segundo Pizarro (2004, 168), pode ser presenciada no ambiente literário, bem como nos grupos de escritoras que se dividiram basicamente em duas tendências: uma ligada ao espírito de ruptura das vanguardas e outra de cunho mais tradicional.

Apesar da aparente divergência entre “tradição” e “modernidade”, essas mulheres ocupam o mesmo lugar de confinamento ao qual foram submetidas historicamente, tendo que consolidar sua atividade intelectual dentro de um espaço que está à margem do universo artístico dominado pelos homens. Assim, lembra Pizarro: *El costo social es grande entre ellas, que necesitan asentarse en su situación de marginalidad para constituirlo en lugar de enunciación* (Pizarro, 2004, p. 168). A necessidade de fazer com que seus discursos sejam reconhecidos possibilitará, conforme apresenta a crítica chilena, a formação de grupos constituídos de maneira virtual, pois em alguns casos não haverá o contato concreto, porém, é possível observar a presença de uma linguagem que apresenta pontos em comum. A respeito disso, ela esclarece:

.....
⁴ Cabe lembrar que a poesia de Cecília Meireles é apontada de maneira geral pela crítica como uma poesia etérea e que não estaria, portanto, dentro da proposta da poesia modernista brasileira, se comparada a autores como Oswald e Mario de Andrade. Da mesma maneira que a figura de Gabriela Mistral é destacada pela crítica pela sua maternidade frustrada.

[...] esta configuración de grupo es de alguna manera virtual: no siempre puede haber habido contactos concretos, aunque en los casos que indicaremos evidentemente ha sido así, pero hay un lenguaje coincidente en la tónica del discurso que hace a la existencia como observaremos de una especie de «invisible college», en donde la interlocución está más allá de los contactos. (Pizarro, 2004, p. 169)

Frente a esses comentários, pode-se afirmar que o *invisible college* corresponde a uma tendência compactuada simultaneamente por diferentes escritoras em distintos lugares. A ideia de “constituição de rede” também está relacionada aos problemas de historiografia e da história intelectual, em outras palavras, de revisão do cânone. Ainda a respeito da configuração desse grupo, lembra Pizarro:

[...] un grupo articulado virtualmente en diálogo de lecturas, mudo, escrito y también realizado a través de encuentros. Un grupo disperso por el continente que tiene una postura común, en la diversidad de sus discursos frente al espacio de la mujer escritora y frente a la sensibilidad estética de los primeros decenios del siglo en América Latina. Este grupo – o red – condiciona internamente la potenciación de los discursos individuales y marca en su conjunto un momento primero, pero definitivo a nivel latinoamericano, del discurso de la mujer intelectual. (Pizarro, 2004, pp. 175-176, ênfase nosso)

Além de contribuir para refletir sobre a formação dessas redes virtuais, a concepção em torno do “*invisible college*”, que “*está más allá de los contactos*”, toca tanto nas discussões em torno da invisibilidade desses grupos como nos pontos de contato que permitem afirmar a existência dessa mesma rede.

É na tentativa de destacar a pluralidade que o feminismo pode assumir dentro do contexto latino-americano que se pretende a seguir evidenciar, a partir da figura de Gabriela Mistral, a articulação dessas escritoras em torno da construção da(s) identidade(s) feminina(s) na América Latina que se caracteriza, por sua vez, pelas diferentes nuances e vozes presentes nesse múltiplo espaço cultural.

Gabriela Mistral e o Brasil

Pode-se afirmar que a chilena Lucila Godoy Alcayaga, conhecida mundialmente pelo pseudônimo de Gabriela Mistral e ganhadora do primeiro Prêmio Nobel de Literatura concedido a um escritor latino-americano, corresponde a um nome representativo dentro da produção de autoria feminina na América Latina. Apesar da literatura produzida por mulheres ocupar um espaço limitado dentro da historiografia literária, a figura de Mistral aparece ao lado de autores consagrados pelo cânone literário. O que pode ser comprovado, por exemplo, ao se deparar com uma História da Literatura ainda que mais tradicional⁵. Gabriela, em geral, é apresentada como integrante do pós-modernismo hispano-americano juntamente com um diversificado grupo de escritores que transitam entre o modernismo e as vanguardas como José Juan Tablada, Luis Lorens Torres, Antonio Ramos Sucre, Rafael Alberto Arrieta, conforme lembra Carmen Mora (Mora, s. d.).

Ainda é possível observar nessas Histórias literárias⁶ a escassa presença de mulheres escritoras. Quando se trata da produção literária hispano-americana da primeira metade do século XX, além do nome de Gabriela Mistral que normalmente aparece representado, são mencionados, no máximo, os nomes de Delmira Agustini, Alfonsina Storni e Juana de Ibarbourou.

É interessante perceber que para alcançar esse reconhecimento como poetisa, Gabriela Mistral precisou se unir a outras escritoras, assim como se inserir dentro do universo masculino das letras. Foi com a cooperação da amiga Victoria Ocampo, por exemplo, que Mistral conseguiu publicar o livro *Tala* pela Editora Sur. Essa publicação foi crucial para difundir mundialmente a obra da escritora chilena, o que propiciou o Prêmio Nobel concedido a Mistral no ano de 1945. Da mesma forma que Ocampo teve uma participação importante para divulgar os textos de Mistral, o autor mexicano Alfonso Reyes também colaborou para tornar a figura da poetisa conhecida, colocando-a em contato com diferentes personalidades influentes da época.

⁵ É importante salientar que o entendimento de História Literária tradicional aqui apresentado refere-se a obras que não se inserem dentro da perspectiva de gênero que, por sua vez, tenta abranger nomes de mulheres que foram silenciados pela História oficial.

⁶ Ver: Díaz-Plaja, G. (1967). *Historia general de las literaturas hispánicas*. Introducción de D. Ramón Menéndez Pidal. Tomo VI. Barcelona: Vergara.
Valbuena Prat, A. e Del Saz, A. (1956). *Historia de la literatura española e hispanoamericana*. (3. ed.) Barcelona: Juventud.

Como se sabe, Mistral, após deixar o Chile, voltou em poucas ocasiões ao seu país, embora passasse grande parte da sua vida viajando por diversos lugares. As viagens realizadas por ela foram primordiais para estabelecer contato com intelectuais de diferentes nacionalidades; o trabalho em cargos oficiais e consulares também permitiu à poetisa chilena fortalecer os laços de amizade e o diálogo com personalidades, tanto do contexto europeu quanto latino-americano como os espanhóis Miguel de Unamuno, Gregorio Marañón, Carmen Conde, Concha Espina; além de Alfonso Reyes, os mexicanos José de Vasconcelos, Daniel Cosío Villegas; bem como os argentinos Enrique Díez-Canedo e Victoria Ocampo, aqui já mencionada, entre outros. Esse vínculo pode ser constatado nas correspondências que Mistral trocou com alguns desses intelectuais da época.

Assim como o período em que a poetisa chilena permaneceu no México (de 1922 a 1924) foi importante para estabelecer vínculos com intelectuais da época, sua permanência no Brasil frente ao Consulado do Chile na cidade de Petrópolis também representou uma fase de grande relevância para sua consolidação como escritora. Aqui, ela conheceu Assis Chateaubriand, Jorge de Lima, Murilo Mendes, Cecília Meireles, Henriqueta Lisboa, Gilka Machado, Mario de Andrade, dentre outros. Ana Pizarro (2005, p. 9) chama a atenção para a necessidade de se analisar de maneira mais atenta esse momento, uma vez que se trata de um período representativo na trajetória intelectual da autora, em que ela está em evidência, atuando de forma bastante incisiva no que concerne à troca cultural entre os países da América Latina.

No Brasil, Mistral experimentou as situações mais diversas, que envolvem tanto sua vida profissional como pessoal. Foi em Petrópolis que recebeu a notícia do Prêmio Nobel, como também foi na cidade fluminense que o seu filho adotivo, Juan Miguel, chamado carinhosamente de Yin Yin, cometeu suicídio, fato que a marcou profundamente. O clima de tensão política, juntamente com a morte de Yin Yin motivou Mistral a mudar-se para os Estados Unidos em 1946, onde permaneceu primeiramente na Califórnia e em seguida em Santa Bárbara. No ano de 1948, exerceu a função de cônsul em Veracruz no México, momento em que ficou mais próxima de seus grandes amigos Palma Guillén e Alfonso Reyes. Após dois anos em terras mexicanas, seguiu em 1950 a Nápoles para representar o consulado do Chile. Em 1953, voltou ao continente americano, especificamente para a cidade de Nova York, onde também exerceu o cargo de cônsul. Um ano depois, regressou ao Chile para receber algumas homenagens e já com

a saúde bastante debilitada viajou aos Estados Unidos em 1955, onde faleceu em 1957.

Apesar desse trágico acontecimento, ocorrido no Brasil envolvendo o seu filho adotivo, a poetisa participou ativamente do cenário cultural brasileiro, cooperando com diversos periódicos, como a *Tribuna de Petrópolis*, o *Jornal de Petrópolis*, *A Manhã*, o *Jornal* e a revista *Diretrizes*, publicados no Rio de Janeiro (Pizarro, 2005, pp. 25-26). Por meio dessas publicações foi possível aproximar as culturas chilena e brasileira, criando um espaço de intercâmbio entre os dois países. Também a partir dos programas de rádio em Petrópolis e em Minas Gerais, Mistral divulgou, pela primeira vez, textos como “Recados sobre Michoacán” e “Chile y la piedra”, como lembra Pizarro (2005, p. 26).

Não restam dúvidas de que, durante os anos em que viveu no Brasil, Gabriela pôde se aproximar da produção literária brasileira, dedicando inclusive muitos de seus textos, divulgados nesse período, a autores nacionais, como Mario de Andrade, Henriqueta Lisboa, Cecília Meireles, dentre outros. Estas duas poetisas inclusive foram importantes divulgadoras da obra de Mistral no Brasil; ambas nutriram uma longa amizade com a autora chilena, o que pode ser constatado nas correspondências que elas trocaram.⁷ A escritora mineira chegou inclusive a traduzir⁸ alguns poemas de Mistral para a língua portuguesa o que, sem dúvida, colaborou para a difusão de sua produção poética no universo lusófono. Assim, pode-se dizer que da mesma forma que Gabriela teve sua obra projetada no Brasil, ela também difundiu nomes de escritores brasileiros em diferentes países hispano-americanos. Nesse sentido, o período que Mistral esteve no Brasil foi importante para fortalecer os laços entre as culturas brasileira e hispano-americana.

Ao levar em conta que este estreitamento cultural entre o Brasil e a América hispânica começa efetivamente a partir das primeiras décadas do século XX, torna-se fundamental observar a postura dos intelectuais desse momento em relação a essa busca de identidade e dos aspectos divergentes e convergentes entre as culturas americanas. Considerando

⁷ Alguns dessas cartas enviadas por Cecília Meireles e Henriqueta Lisboa a Gabriela Mistral encontram-se digitalizadas. Ver Arquivo mistraliano da Biblioteca Nacional do Chile.

⁸ Como se sabe, Henriqueta Lisboa chegou a traduzir poemas de Gabriela Mistral. Ver Mistral, Gabriela. Poemas escolhidos de Gabriela Mistral. Tradução Henriqueta Lisboa. Rio de Janeiro: Delta, 1969. Além disso, é possível encontrar alguns desses textos poéticos em periódicos da época como “Cavalgada” presente em *O Jornal* de 30 de janeiro de 1943. Ver arquivo mistraliano: http://descubre.bibliotecanacional.cl/primo_library/libweb/action/dlDisplay.do?vid=BNC&afterPDS=true&institution=BNC&docId=dedupmrg29083349.

ainda o universo literário feminino, torna-se relevante observar a articulação das mulheres em torno dessa tomada de consciência frente à ideia de “unidade latino-americana”.

Em vista disso, pretende-se examinar a seguir, a partir de escritos e documentos, entre eles algumas cartas, que integram o Acervo mistraliano da Biblioteca Nacional do Chile, o diálogo estabelecido entre Cecília Meireles e Gabriela Mistral em torno da concepção de “americanidade”. Trazer à luz o entendimento dessas escritoras frente à produção de autoria feminina, escrita desde o contexto latino-americano, seria uma forma de (re)pensar a própria pluralidade que consiste o discurso intelectual feminino na América Latina. 2.1 Gabriela Mistral e Cecília Meireles: o diálogo além da poesia.

A poetisa brasileira Cecília Meireles (1901-1964), conhecida pela sua atuação no universo poético do modernismo brasileiro, também atuou como cronista, tradutora, crítica literária. É justamente a partir de 1935 que Cecília começa a ter uma atividade intelectual bastante intensa; é neste mesmo ano que ela, ao ser nomeada professora de literatura da Universidade do Distrito Federal⁹, passa a ministrar aulas nas disciplinas “Literatura luso-brasileira” e “Técnica e Crítica literária”, como também oferece cursos livres sobre Literatura Oriental. Um ano depois, já casada com Heitor Grillo, ela vai lecionar no Texas, na Universidade de Austin. A partir desse período, é possível observar uma vasta produção crítica da autora que engloba desde traduções a palestras sobre literatura proferidas em diversos países.

Assim como Gabriela Mistral, Cecília manteve uma rede de contatos com intelectuais e escritores de sua época. Desta forma, tanto por meio de cartas¹⁰ quanto através de encontros, tornou-se realizável grande parte deste intercâmbio cultural. É o que ocorre, por exemplo, com a chilena Gabriela Mistral.

Antes mesmo da vinda da escritora chilena ao Brasil, Cecília já mostrava a sua admiração pela produção literária de Gabriela, como se observa na crônica “As cantigas de embalar de Gabriela Mistral”,

⁹ Cabe esclarecer que a Universidade do Distrito Federal (UDF) foi criada em 1935 e extinta em 1939. Os seus cursos serão transferidos para a Universidade do Brasil (UB) que passa a ter esse nome após o ano de 1937 com a reorganização da extinta Universidade do Rio de Janeiro. Atualmente a Universidade do Brasil (UB) corresponde à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) que, por sua vez, adquire esse nome a partir de 1965. Informações disponíveis em: < <http://www.fe.ufrj.br/proedes/arquivo/udf.htm>>.

¹⁰ Parte desses documentos encontram-se disponíveis no Acervo Mistraliano da Biblioteca Nacional do Chile, totalizando 16 cartas, enviadas por Cecília Meireles à amiga chilena durante os anos de 1943 a 1947.

publicada em *Diário de Notícias* de 3 de setembro de 1932: “É assim Gabriela Mistral, a grande poetisa chilena cuja obra, de uma vasta inspiração, carrega em si toda a inquietação dos sentimentos e pensamentos universais.” (Meireles, 2001, p. 89).

A amizade que Cecília nutria por Mistral também é perceptível nas correspondências cecilianas, bem como pode ser observada nos cartões postais escritos pela poetisa brasileira, em 1940, durante a sua estadia no Texas a convite da Universidade de Austin.

Pode-se afirmar que, além das questões voltadas à Educação, das viagens diplomáticas e da dedicação à escrita poética e epistolar, Cecília e a poetisa chilena se aproximam em outro aspecto: a busca pela integração cultural na América Latina. É interessante observar que a concepção a respeito do conceito de “América” compartilhada tanto pela brasileira quanto pela chilena exclui a América Anglo-saxônica. Cecília Meireles não engloba as escritoras anglo-saxônicas, por exemplo, em seu rol de autoras analisadas no ensaio “Expressão feminina da poesia na América”, conferência proferida pela autora de *Viagem* no ano de 1956, em que ela realiza um panorama da expressão lírica na América. Isto revela que o seu entendimento de América vai ao encontro das ideias defendidas por José Martí em “*Nuestra América*”¹¹ que irá delimitar bem essa exclusão da América anglo-saxônica, pondo em destaque uma outra América, esta, por sua vez, Latina. Como se sabe, a noção de pan-americanismo, que engloba todos os países do continente americano, passa a ser refutada conforme se percebe o risco representado pelo poder hegemônico dos Estados Unidos em relação aos outros povos do continente.

Essa mesma resistência no que se refere ao poder exercido pelo governo norte-americano também está presente em Gabriela Mistral. Para Mistral, Martí é o maior nome revolucionário e intelectual da América Latina do século XIX. A admiração por ele era tanta que a poetisa chegou, inclusive, a planejar um livro sobre o escritor cubano que não pôde ser finalizado, resultando somente em um capítulo utilizado em parte por Mistral em uma conferência proferida em *La Habana*, no ano de 1934 (Teitelboim, 1996, p. 173). No texto “Cuatro preguntas sobre Martí” a poetisa chilena afirma: “Martí no sólo pervive, su ideario político y social es alimento vivo para varias generaciones más. Lo que falta es una divulgación que alcance la saturación de las juventudes” (Mistral, s. d.).

¹¹ Expressão consagrada por meio do estudo de José Martí “*Nuestra América*”, escrito no ano de 1891. In: Martí, José. *Nuestra América*. Buenos Aires: Losada, 2005. p. 13-25.

Ainda é possível dizer que essa mesma preocupação em discutir os problemas “americanos” tanto na produção de Cecília como na de Gabriela corresponderia a um dos elementos responsáveis pela grande atividade intelectual desempenhada por elas. É interessante perceber que ao tratar sobre essa questão, há uma inquietação por parte das duas poetisas em olhar para essa América tendo em vista a integração entre as culturas de língua espanhola e portuguesa. Ainda sobre esse tema, vale a pena observar os comentários realizados pela poetisa chilena em sua crônica “*Muertos y vivos*”:

El sol y el aire de la unidad alumbran y calientan a los maestros de obra y a los obreros. Agrupados en patrullas invisibles trabajan a estas horas en bien de nosotros Camoes y Rubén Darío; Gil Vicente y José Hernández; Euclides, Martí y Rodó; Machado de Assis y García Calderón; Tristão de Athayde y Gonzalo Zaldumbide, Alfonso Reyes, Mario de Andrade y Gilberto Freyre; José Asunción y Quental; Bilac y Lugones; Vicuña Mackenna; Pablo Neruda y el manojito solar de futuristas brasileños; el puñado fermental de los contadores de la montaña y el ogro chilenos, que enlindó allá respondiendo a la fertilidad de los novelistas brasileños de última data, admirables en el gajo como en el racimo. (Mistral, 2005, p. 31)

É perceptível a satisfação presente nas palavras da cronista, ao descrever essa aproximação entre os grandes nomes das literaturas de línguas portuguesa e espanhola. Para ela, a ideia de integração entre os países latino-americanos começa a partir das estantes das bibliotecas escolares. Essa iniciativa de colocar em diálogo as culturas lusitana e hispânica nas escolas brasileiras é o que Gabriela Mistral chama de “*albañilería espiritual*”. Assim como um pedreiro que constrói casas, as obras e seus respectivos autores seriam os responsáveis pela construção do conhecimento basilar. A literatura, desta forma, corresponderia ao grande esteio para a formação do indivíduo. A ideia de integração entre os países hispano-americanos, sem dúvida, perpassa a complexa relação Europa-América que também será problematizada por Mistral nas cartas que ela trocou com Victoria Ocampo, as quais foram reunidas na obra *Esta América Nuestra* (2007) por Doris Meyer e Elizabeth Horan. Nessas correspondências Gabriela e Victoria se propõem a discutir as particularidades do continente americano. Essa preocupação já aparece em uma das primeiras cartas enviadas a Ocampo, quando Gabriela trata sobre a ideia de unidade: *Le repito, porque no sobra, lo dicho a Ud. con fuerza y cariño o con una fuerza cariñosa: algunas*

*gentes a quienes preocupa el hecho americano como unidad, la necesitamos y solemos sentir que Ud. nos falta. ¿Que cómo nos falta y en qué? Es un poco ingenuo detallar y concretar: comienza faltándonos en lengua, continúa faltándonos en una especie de europeísmo mayor que... el europeo, acaba faltándonos en la preferencia de los temas exóticos cuando escribe*¹². (Mistral e Ocampo, 2007, p. 44)

Nesse fragmento Gabriela chama atenção justamente para a necessidade de pensar na noção de unidade americana sem deixar de considerar a relação com a herança europeia. Ainda sobre as correspondências que elas trocaram, vale destacar o próprio título do livro, organizado por Horan e Meyer que já antecipa a presença dessa discussão em torno do conceito de América, dialogando, nesse sentido, com a célebre expressão martiniana “*Nuestra América*”. Não restam dúvidas que esses documentos revelam não somente a atuação que essas mulheres tiveram, como também os seus respectivos posicionamentos diante de diferentes temas. Esse material epistolar, confinado ao universo privado, ainda pode mostrar aspectos que, muitas vezes, são pouco evidenciados dentro do espaço público. É o que ocorre com as cartas trocadas entre Gabriela Mistral e Cecília Meireles. Nelas nota-se que vem à luz um perfil ceciliano ainda não muito explorado pela crítica sobre autora, como, por exemplo, o seu trabalho como tradutora, conforme mostra a carta de 07 de janeiro de 1944:

Agora preparo-me para traduzir “*Bodas de Sangre*”, para uma apresentação este ano (talvez em abril) no Municipal, com a *Dulcina*¹³. Não sei se lhe falei que havia traduzido “*Pélleas*” de Maeterlinck, e “*Peer Gynt*”, de Ibsen para o grupo de amadores “*Os comediantes*”, cuja temporada se encerra domingo próximo. “*Pélleas*” foi um sucesso. Você gostaria de ter visto: cenários lindíssimos, e a representação superior à do teatro profissional brasileiro, em geral. “*Peer Gynt*” deve ser representado esse ano. Entrementes, *Dulcina* resolveu também melhorar o seu

¹² Carta mencionada anteriormente que apresenta somente a data de 9 de janeiro. Provavelmente refere-se a uma correspondência escrita no ano de 1935, em Barcelona, devido às referências presentes no documento, como apontam Meyer e Horan.

¹³ A atriz *Dulcina Moraes* (1908-1996) funda em 1934 juntamente com seu marido, também ator, *Odilon Azevedo*, a Companhia teatral *Dulcina-Odilon*, e o grupo “*Os comediantes*”, o qual consolida o movimento de teatro amador no Brasil. A obra *Pélleas* foi encenada pela primeira vez em 1893, já a ópera *Pélleas e Mélisande* de Debussy, com libreto de Maeterlinck, teve a primeira apresentação em 1902. A tradução realizada por Cecília Meireles está disponível para visualização na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/literatura/mss_l_07_21_001A.pdf. Acesso em: 10 abr. 2011.

teatro, e pediram-me que traduzisse Lorca. Embora me pareça muito difícil de representar, é um trabalho que faço com prazer.

Terminei também um novo livro de poesia que sairá breve, e do qual me quero livrar para pensar em noutras coisas. Estou muito animada com o teatro. (Meireles, 1944)

É interessante observar nesse trecho o envolvimento de Cecília, sempre tão lembrada pela sua atuação na poesia, com o gênero dramático, principalmente no que diz respeito às traduções realizadas por ela que, num primeiro momento, conforme revela a correspondência, consiste em textos pensados exclusivamente para a encenação.

Além dessas obras destinadas ao teatro, Cecília Meireles comenta com a amiga na carta de 26 de junho de 1943 da sua intenção em fazer uma tradução de Shakespeare e outra de um escritor irlandês, de quem ela não menciona o nome. Já na correspondência de 18 de agosto de 1944, ela também menciona a elaboração de outra versão para língua inglesa. Trata-se de um texto de Virginia Woolf, que provavelmente corresponde a *Orlando*, publicado em 1948 pela editora Globo.

Ainda no que se refere a sua atuação como tradutora, vale lembrar que a poetisa contribuiu como divulgadora dos textos de Gabriela Mistral ao público brasileiro, conforme revela o documento¹⁴ a seguir:

Cara Gabriela: escrevo lhe a correr, para dizer-lhe o seguinte: o “Recado” sobre as flores, não lho mando porque, com a ajuda de Haydée¹⁵ para os nomes das flores e das plantas, já não tenho mais dúvidas. Ele está pronto, e vou mandá-lo a Connie¹⁶, que se encarregará de enviá-lo em seu nome para uma das revistas indicadas.

Como sabe, a outra tradução “Festa do cavalo chileno” já foi também para “Eu sei tudo”.

¹⁴ Essa carta não apresenta data. Há uma anotação à mão, escrita à lápis que consta o ano de 1944. Provavelmente trata-se de algum apontamento realizado após o recebimento da correspondência, já que as referências feitas no documento sobre as traduções correspondem a textos publicados em 1943.

¹⁵ Trata-se de Haydée de Meunier quem traduziu o poema “Elegia a morte de Gandhi” de Cecília Meireles para o número 11 da revista espanhola *Acalanto* de 1947, como destaca Ricardo Souza de Carvalho. Em *Anuario Brasileño de estudios hispánicos, Brasília, v.16, n.01, p.77, 2006*.

¹⁶ Refere-se à porto-riquenha Consuelo Saleva, secretária de Gabriela Mistral.

Restam os “Tlalocs”, que aqui vão, com as seguintes dúvidas:

1-- em que sentido está o verbo apurar?

2-- que quer dizer precisamente “um solo tomado de sol e gredas”? (sic)

3-- parece-me melhor deixar a palavra henequen e fazer uma chamada, explicando em baixo que se trata do Agave Fourcroyedes. Que acha? [...]

Mando também uma tradução de Barrechenea¹⁷. Embora não goste da pessoa os versos me parecem bonitos. E ficam mesmo bonitos traduzidos. Já tinha traduzido o seu “Salta del Laja”, mas agora com a nova versão é preciso corrigir o que tinha feito. Irá em breve. [...] (Mireles, s. d.)

As descrições feitas pela escritora brasileira sobre o texto “Recado”, em que ela confessa ter tido dificuldades em função do vocabulário relacionado a flores e plantas, indicam que se trata de “*Recado para Inés Puyó sobre unas flores*”¹⁸, publicado no periódico *El Mercurio* em 17 de maio de 1943. O artigo de Gabriela Mistral se refere aos trabalhos da pintora chilena Inés Puyó, a quem Mistral elogia pela presença de *criollidad* em sua obra. Para a autora de *Tala*, esse mesmo sentimento notável nos quadros de Puyó também estaria presente em autores como Maria Luisa Bombal, Jorge Luis Borges, Rubén Darío e Herrera Reissig. Ela ainda afirma:

Oigo con cierta desconfianza el elogio de una pintura cuando me dicen de ellas es muy “femenina”. Porque con el epíteto quiere decirse flaqueza, tanteo y miseria. Pero al mirar sus flores, el adjetivo desprestigiado me vino a la boca en su sentido más legítimo. Sus flores son femeninas, de una femineidad a la vez ligera y esencial. Como la mujer, sus flores, Inés Puyó, escuchan más que hablan y sugieren más que dicen e inspiran más que sugieren... (Mistral, 1943)

¹⁷ Julio Barrechenea (1910-1979), poeta, político e diplomata chileno.

¹⁸ .Texto Disponível em: http://descubre.bibliotecanacional.cl/primo_library/libweb/action/display.do?tabs=detailsTab&ct=display&fn=search&doc=bnc_dtlmarc3205099

Mistral termina seu texto com uma pequena nota, em que comenta um prêmio recebido pela pintora chilena nos EUA em virtude desse trabalho sobre “Flores”. A inspiração, apontada por Gabriela como traço essencialmente feminino, bem como as cores e texturas “*criollas*” de Inés Puyó recebem o aval da diplomata, quem pedirá à amiga Cecília Meireles que traduza seu artigo; divulgando, desta forma, a obra de Puyó entre o público brasileiro. A recepção da artista chilena no Brasil parece ter sido positiva. Prova disso, é a exposição de seus quadros nas I e III Bienais de Arte de São Paulo, que ocorreram respectivamente em 1951 e 1955.

O trecho da carta citado acima ainda menciona “Festa do cavalo chileno” para a revista *Eu sei tudo* e “Recado sobre os *Tlalocs*”¹⁹, publicado em *A Manhã* de 28 de novembro de 1943. Na versão em português não aparece o nome do tradutor e nem a nota sobre “*henequén*”, sugerida por Cecília na correspondência, permanecendo a palavra “agave” que se refere à fibra extraída dessa planta que será usada, assim como o algodão, pelas mulheres indígenas para fazer seus artesanatos, conforme apresenta a crônica mistraliana: “As mulheres teciam algodão ou agave no vale do México, mirando no alto um Tlaloc muito coberto por nuvens. [...]” (Mistral, 1943, p.146). Assim, ao falar dos *Tlalocs*, deuses da mitologia mexicana, responsáveis pela distribuição das águas, a imagem feminina, como no mito de Penélope, aparece atrelada à predestinação da mulher em executar atividades convencionalmente consideradas como “femininas”. Pode-se dizer que o trabalho manual, vinculado ao “ato de tecer”, corresponde simbolicamente à função que coube a mulher em transmitir os costumes e as tradições de sua cultura por meio da oralidade.

Essa preocupação em resgatar as lendas americanas, presente na produção de Gabriela Mistral, também é notável nos estudos de Cecília Meireles sobre folclore, o que reforça a ideia da mulher como “guardiã” da tradição oral. Se, por um lado, as poetisas chilena e brasileira cumprem o papel atribuído ao universo feminino de “resguardar” essas histórias, por outro, elas invadem o espaço masculino da escrita, hegemonicamente dominado pelos homens, ao publicar esses textos. No ensaio “Expressão feminina da poesia na América”, mencionado anteriormente, Cecília evidencia a importância da mulher, no que concerne à preservação da memória no contexto da história da civilização:

¹⁹ Texto disponível em: http://descubre.bibliotecanacional.cl/primero_library/libweb/action/display.do?tabs=detailsTab&ct=display&fn=search&doc=bnc_dtlmarc3205125.

Se considerarmos ainda que uma boa parte da sabedoria universal foi defendida, desde remotos tempos, oralmente, pela mulher, na conservação do Folclore literário, veremos que, sem instrução sistematizada, a mulher, na América e no mundo, foi, ela mesma, um livro vivo e emocionante, repleto de canções de berço, histórias encantadas, contos, lendas, provérbios, fábulas, rimas para dançar e curar, parlendas para rir, exorcismos contra o mal, orações para conversar com Deus, salvar a alma dos vivos e redimir a dos mortos – enfim, todos os ensinamentos morais e práticos retidos permanentemente pela memória, e transmitidos com mais ou menos encanto de estilo, segundo os dos naturais de imaginação e linguagem de cada uma. (Mireles, 1959, pp.102-103)

Diante dessas observações, Cecília destaca a participação da figura feminina como responsável pela transmissão da cultura entre os povos. Nesse sentido, a voz da mulher, submersa no império da literatura escrita, ocupa um lugar de resistência através da tradição oral. Essa mesma importância conferida à mulher será lembrada por Mistral que ainda destacará a quantidade de tarefas que lhe são impostas:

La mujer ha vivido bastante soterrada y relegada en la América del Sur. Pero al igual de los estratos geológicos, ella ha puesto su hombro hacia dos tercios de los asuntos más entrañables de nuestra raza: carga ella no solo con los niños sino con los adultos; se ocupa lo mismo de la mesa que de ajetrear el pan de cada día. Únicamente en las mitologías se halla, en algunas diosas o casi diosas como Ceres, Latona, Zita, un amasijo femenino tan complejo como resultar ser una matriarca rural de la América criolla. (Mistral, s. d.)

As palavras de Gabriela que integram o texto “*Americanas del norte y del sur*”, realizado em homenagem ao dia da *Unión Panamericana de Mujeres*, enfatiza a sobrecarga de atividades atribuídas as mulheres, o que a poetisa compara ser tarefa humanamente difícil, uma vez que só é possível encontrar nas mitologias figuras femininas capazes de desempenhar tantas funções mesmo diante de tamanha opressão.

No que se refere às traduções realizadas por Cecília ainda cabe ressaltar que os textos de Gabriela Mistral, bem como os artigos publicados em diferentes periódicos da época sobre a expressividade literária do Chile, tiveram papel fundamental para a difusão da cultura chilena no território brasileiro. Em “Oito poetisas”, por exemplo, a autora brasileira chama a atenção para a figura de Mistral ao aproximar

os dois países e comenta o suplemento da revista *SECH* (*Sociedad de Escritores de Chile*), enviado pela amiga, que apresenta alguns poemas dos chilenos Oscar Castro, Hernán Cañas, Victoriano Vicario, Omar Cerda, Alberto Baeza Flores, Nicanor Parra, Jorge Millas e Luis Oyarzún, pertencentes à geração de 1910 a 1920. Desta forma, por meio de fragmentos de poemas desses oito autores, Cecília faz algumas observações acerca de suas respectivas produções, ressaltando a presença de elementos que ela considera presentes em grande parte dos poetas ibero-americanos dessa geração, como:

um acentuado gosto pela metáfora preciosa, um vagar de sentir cada sensação e pensar cada pensamento, que conduz a ritmos lentos, de metro perdido; e uma extrema delicadeza de intenções e expressões, não apenas no que se refere ao pessoal e subjetivo, mas também no que respeita ao objetivo, seja simplesmente o mundo visível da paisagem, ou a realidade social e humana. (Meireles, 1943, p. 4)

Ao apontar tais elementos como característicos dos autores da América Ibérica, ela insere-se dentro desse grupo, sendo possível observar esses mesmos aspectos em sua produção poética. Há uma identificação que a aproxima desse universo hispânico.

Quando traz esses nomes para circulação no contexto brasileiro, ela também vai adquirindo maior visibilidade no cenário cultural do Chile. Trata-se, sem dúvida, de uma cooperação recíproca. O reconhecimento da poesia da autora de *Vaga música* no país de Gabriela alcança além do universo literário, o da música. A poetisa teve alguns de seus poemas como “Amém”, “Serenata”, “Cantar” e “Oh, quanto me pesa”²⁰ musicados pelo compositor chileno Pedro Núñez Navarrete²¹ (1906-1989), fundador da Sociedade Chilena de Música.

A admiração de Cecília pela cultura do Chile e pela amiga Gabriela Mistral é perceptível nas cartas que elas trocaram e nas crônicas da escritora brasileira. Em “As cantigas de embalar de Gabriela Mistral”, publicada em *Diário de Notícias* de 3 de setembro de 1932,

²⁰ Correspondem respectivamente aos poemas dos livros *Vaga Música* (1942), *Retrato Natural* (1949), *Viagem* (1939) e *Metal Rosicler* (1960). Cabe esclarecer que o último poema, que leva o título na partitura de Núñez Navarrete de “Coração de pedra”, na obra da poetisa não possui título. Trata-se do 14.º poema de *Metal Rosicler*.

²¹ O músico realizou diversas viagens para a América do Sul, em especial, para Argentina, Uruguai e Brasil, onde pôde apresentar parte de sua obra. No ano de 1970 a Orquestra Sinfônica do Brasil estreia o seu poema sinfônico “El Caballero de la Piel de Tigre”, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, sob direção de Alceo Bocchino. In: M.V. In Memoriam Pedro Núñez Navarrete. Revista musical chilena, Santiago, año XLIII, n. 171, p. 141, enero-junio 1989.

Cecília ressalta o caráter lírico e místico dessas canções, como também destaca a preocupação de Mistral em caracterizar tais cantigas de acordo com as particularidades da América:

[...] esplende o seu espírito altamente lírico, que sobe muito alto, e se doura de misticismo, sem no entanto perder nunca o seu contato com a terra, e a sua lembrança dolorosa do chão sofredor, lavrado, pisado, por onde se desenrola a marcha infinita da humanidade. Da humanidade que tudo esquece da aflição, para entoar sua esperança, cada vez que aparece de novo uma criatura pequenina. (Meireles, 2001, p. 92)

Percebe-se que, ao comentar a obra de Gabriela Mistral, Cecília constantemente chama a atenção para a presença dos elementos “americanos”, “da terra”, na escrita mistraliana. Desta forma, pode-se dizer que o lirismo, assim como os assuntos locais e universais de sua poesia são identificados como característicos da expressividade da poesia americana. Essa ênfase dada pela autora brasileira pode ser constatada tanto nas correspondências, nas crônicas quanto no texto “Expressão feminina da poesia na América”:

Seu verso, de sabor clássico, não transborda, embora repleto de oceano, de reflexão e amargura. Não declama nem canta: fala. Mas é uma fala que não termina, que não se esquece; [...] É uma voz que conta paisagens, fábulas, que sugere o folclore e a sabedoria antiga, que, ao mesmo tempo, é íntima e solene [...] Fala como quem oficia. E da importância da sua obra diz claramente o Prêmio Nobel que lhe foi atribuído. (Meireles, 1959, p. 74, ênfase nosso)

Como mencionado anteriormente, nesse mesmo texto, Cecília faz um panorama da produção lírica de autoria feminina na América, não englobando as escritoras anglo-saxônicas em seu rol de análise. Isso mostra que a concepção a respeito do conceito de “América” compartilhada pelas duas poetisas exclui a América Anglo-saxônica e vai ao encontro das ideias defendidas por José Martí em “Nuestra América” ao chamar a atenção tanto para o perigo representado pela política econômica dos Estados Unidos como para a união entre os povos da América Latina. A presença do pensamento de José Martí em seus textos reflete esse cenário de questionamento em torno da ideia de identidade

americana. A força e a resistência americana, evidenciada no discurso de Martí também é lembrada nos versos mistralianos:

[...] ¡Carne de piedra de la América,
 halalí de piedras rodadas,
 sueño de piedra que soñamos,
 piedras del mundo pastoreadas;
 enderezarse de las piedras
 para juntarse con sus almas! (Mistral, 2010, p. 269)

Diante do que foi aqui apresentado pode-se afirmar que o diálogo estabelecido entre elas não se deu somente no âmbito da poesia ou mesmo por meio do comprometimento que elas tiveram no que se refere a temas voltados à Educação, esse vínculo intelectual estabelecido entre Brasil e Chile, representados aqui nas figuras de Cecília e Gabriela, mostra por meio dessas cartas, assim como dos textos publicados em jornais a atuação que elas tiveram na divulgação de suas respectivas obras, como também evidencia outros nomes de escritoras que se uniram a essa “rede”, como a argentina Victoria Ocampo, e brasileira Henriqueta Lisboa. Nota-se ainda que as duas poetisas aproximam-se em mais um aspecto: a busca da integração cultural na América Latina. Como lembra Lucía Guerra (1995, p. 182), ao considerar o novo discurso crítico latino-americano, faz-se necessário pensar não somente em trazer à luz a produção de autoria feminina, silenciada pela crítica tradicional, como também se torna fundamental examinar sobre a problemática da identidade. Nesse sentido, tanto Cecília como Gabriela demonstram essa preocupação, ao evidenciar uma postura que tenta aproximar culturalmente os países de língua portuguesa e espanhola do continente americano.

Não restam dúvidas que, observar a formação desses grupos e incorporar novos nomes a essa grande “rede”, é uma tentativa de pensar nas particularidades e na pluralidade do discurso intelectual feminino presente em diferentes espaços culturais da América Latina.

Ao examinar a articulação dessas mulheres, é possível averiguar as estratégias e a maneira como elas conseguem potencializar suas vozes e ganhar espaço em terrenos dominados pelos homens, como ocorre com a produção de escritoras como Gabriela Mistral, por exemplo. Ela faz parte, juntamente com outras autoras, de um movimento “*pendular de la cultura y en la complejidad de éste, ellas se sitúan más en la sensibilidad del ámbito regional, expresión del dualismo complejo que perfila la historia y la sociedad latinoamericana de esa primera mitad del siglo XX*” (Pizarro, 2004, p. 175). Dentro dessa característica pendular, Pizarro chama a atenção para as obras *Romanceiro da Inconfidência* (1953), da brasileira Cecília Meireles, e *Poema de Chile* (1967), da chilena Gabriela Mistral, que, segundo ela, captam a tensão desse contexto histórico.

Ao consideramos a prática do feminismo na América Latina não é possível dissociá-lo do processo político. Como lembra Jean Franco (1992, p. 11), os regimes autoritários dos anos 70 e a crise provocada pelas dívidas externas acarretadas pela política neoconservadora colaboraram para o ressurgimento dos movimentos de mulheres. Essas particularidades no que diz respeito às questões econômicas e sociais juntamente com os aspectos que tangem à diversidade cultural latino-americana colocam em evidência a necessidade de repensar a pluralidade que o feminino pode assumir dentro desse contexto sócio histórico. É dentro dessa perspectiva que Nelly Richard (2002) revisita alguns estudos teóricos pensados a partir das especificidades que giram em torno da crítica feminista na América Latina. Segundo Richard (2002, p.143), o embate entre a periferia latino-americana e a teoria internacional do centro leva a oposição entre “*experiência* (o mundo prático da vida cotidiana e da intervenção direta na vida social) e o *discurso* (o mundo abstrato da reflexão especulativa, que permanece prisioneira do academicismo)” o que, por sua vez, acaba corroborando a ideia de um espaço feminino e latino-americano que se prende a estereótipos. Para a autora, a crítica feminista deve levar “prioritariamente em conta a linguagem e o discurso, porque estes são os meios através dos quais se organiza a ideologia cultural [...]” (Richard, 2002, p.143). Diante dessa afirmação, Richard considera um retrocesso renunciar às práticas teóricas, ainda que advindas de um contexto que não seja o latino-americano, pois isso renegá-las seria abrir mão de suas contribuições a respeito da ideia de manipulação discursiva-ideológica questionada pelos estudos teóricos.

Por outro lado, a autora também ressalta a preocupação em observar as particularidades histórico-sociais aqui presentes, destacando a

importância de olhar para a “outridade latino-americana”. Essa maneira, entretanto, de centrar-se no “contexto” e na “experiência”, para ela, intensifica conceitos binários em relação a imagens construídas em torno da América Latina que tende a colocá-la “no lugar do corpo”, enquanto o Norte” seria “lugar da cabeça que pensa” (Richard, 2002, p.149):

Fixar para sempre o feminino na imagem do corpo-natureza da América Latina, como território virgem (símbolo pré-moderno de um espaço-tempo, ainda não contaminado pela lógica discursiva da cultura do signo), deshistoriza o significado político das práticas subalternas, cujas operações de códigos reinterpretam e criticam – hibridamente – os signos da cultura dominante, a partir do interior mesmo de suas correlações e mesclas de poder. (Guerra, 1992, p.2 apud Richard, 2002, p.148)

Confinar a produção das mulheres dentro desse espaço de “corpo-de-experiências como única verdade do feminismo latino-americano (sua verdade *primária* e *radical*; radical por extrateórica) vem a confirmar o estereótipo primitivista de uma ‘outridade’ que só tem vida através de afetos e sentimentos.” (Richard, 2002, p.149) Em outras palavras, essa visão reforça a presença do poder hegemônico do centro que se mantém soberano nas suas mediações teóricas sob a cultura periférica, voltada para a experiência. (Richard, 2002, p.149)

Desta forma, Richard aponta que um dos caminhos seria justamente o de conciliar tanto as práticas latino-americanas (experiência) quanto as teorias metropolitanas (caráter discursivo). Já que, para ela, seria impossível encontrar uma linguagem que esteja puramente isenta de “toda contaminação do poder masculino” (Richard, 2002, p.150).

Como todos os demais signos de identidade, o feminino está incessantemente envolvido em disputas e renegociações de forças, que rearticulam sua definição em planos não lineares de representação. O feminino não é dado expresso por uma identidade já resolvida (“ser mulher”), mas um conjunto instável de marcas dissimilares a modelar e produzir: uma elaboração múltipla que inclui o gênero em uma combinação variável de significantes heterogêneos, que entrelaça diferentes modos de *subjetividade* e *contextos de atuação*. Esta dimensão situacional da diferença-mulher é a que melhor deveria servir de reflexão do feminismo latino-americano, já que permite *pluralizar* a análise das diversas gramáticas da colonização e da dominação

que se cruzam na experiência da subalternidade cultural. (Richard, 2002, pp.150-151)

Da mesma maneira que não é possível encontrar uma linguagem “puramente feminina” livre dos domínios do patriarcado, não é possível isentar-se da presença das discussões realizadas pela crítica feminista metropolitana, ao pensar no contexto da América Latina que desde sua formação sofreu influência da cultura europeia. Nesse sentido, Richard salienta a falta de teorias mais flexíveis que possam olhar para a “*multiplicidade das diferenças*” e observar o feminino não como uma ideia totalizadora, e sim “uma *rede de significados em processo de construção*” (Richard, 2002, p.151, grifos do autor).

Para a autora, a dominação da mulher precisa ser analisada na perspectiva que envolva as práticas de relações de poder. Diante disso, a crítica feminista deveria ocupar-se em não cair na ideia de um discurso homogêneo, mas sim enfatizar justamente o seu caráter desestabilizador e contraditório:

Acentuar teoricamente esta função desestabilizadora do “feminino”, converte-o em um conceito-metáfora que serve para nomear “diferenças” que confundem, desorganizam e tornam ambíguo o significado de qualquer posição binária, tais como masculino/feminino, identidade/diferença, centro/periferia etc. Faz falta para isso um feminismo não da diferença, mas da(s) diferença(s): um feminismo que postula múltiplas combinações de signos e “transições contingentes” (Laclau-Mouffe), entre registros heterogêneos, plurais e contraditórios, de identificação sexual, de representação social e significação cultural. (Richard, 2002, p.153)

Os comentários de Richard colocam em evidência a necessidade de examinar o feminismo dentro da sua pluralidade, sem observar essa heterogeneidade de maneira negativa ou mesmo sectária. Ao considerar o contexto latino-americano, tal olhar que não privilegia posições binárias se faz importante, principalmente tendo em conta o próprio processo de formação histórica dos países da América Latina, os quais, conforme lembra Rosalba Campra (2007), tiveram que transpor as barreiras da palavra que lhes foi ou imposta ou negada: “*La literatura latino-americana siempre debió luchar contra esta doble servidumbre para afirmar la palabra original. Para ganar un espesor, un cuerpo. Para pasar de la invisibilidad y el silencio a la presencia y a la voz*”. (Campra, 2007, p.104)

Nesse sentido, o conceito do “*(in)visible college*” apresentado por Pizarro coloca em evidência a pluralidade que o feminino pode assumir dentro dos diferentes contextos da América Latina, correspondendo, desta forma, o que Richard (2002, p.151) aponta como uma “uma rede de significados em processo de construção”.

Além de desconstruir a noção de uma homogeneidade entre as mulheres, essa ideia em torno da formação de grupos de mulheres também mostra o percurso que elas precisam percorrer para se inserirem no cenário intelectual dominado pelos homens. O fato de vê-las atuando de maneira articulada, seja de forma virtual ou concreta, pode contribuir tanto para romper com a dupla invisibilidade e silêncio as quais elas foram submetidas historicamente quanto para integrar as múltiplas culturas latino-americanas.

A aproximação entre essas diversas realidades, sem dúvida, ainda representa um grande desafio para os estudos relacionados à crítica feminista na América Latina, já que estamos tão próximas e ao mesmo tempo tão distantes. Diante disso, é importante pensar o feminino dentro da sua pluralidade, tentando articular a multiplicidade de vozes que o caracteriza, a partir de um olhar que almeje ser cada vez mais dissidente.

Referências

- Campra, R. (2007). *América Latina: la identidad y la máscara*. Madrid: Siglo XXI.
- Díaz-Plaja, G. (1967). *Historia general de las literaturas hispánicas*. Introducción de D. Ramón Menéndez Pidal. Tomo VI. Barcelona: Vergara.
- Franco, J. (1992). Rumo ao público/repovoando o privado. Em Hollanda, H. B. (Org.), *Y nosotras latinoamericanas?: estudo sobre gênero e raça* (pp. 11-17). São Paulo: Fundação Memorial da América Latina.
- Guerra, L. (1995). *La mujer fragmentada*. Santiago: Cuarto propio.
- Hollanda, H. B. (1992). Apresentação. Em Hollanda, H. B. (Org.), *Y nosotras latinoamericanas?: estudo sobre gênero e raça* (pp. 9-10). São Paulo: Fundação Memorial da América Latina.
- Meireles, C. (1943, 25 ago). Oito poetas. *A Manhã*, 4-6.
- Meireles, C. (1944). *Carta a Gabriela Mistral: documento digitalizado pelo Arquivo mistraliano da Biblioteca Nacional do Chile*. Santiago: Biblioteca Nacional, 07 jan. 1944. 1folha. Disponível em: http://descubre.bibliotecanacional.cl/primo_library/libweb/action/display.do?tabs=detailsTab&ct=display&fn=search&doc=bnc_dtlmarc3204495.

Meireles, C. (1959). Expressão feminina da poesia na América. Em *Três conferências sobre cultura hispano-americana*. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura.

Meireles, C. (2001). *Crônicas de educação*. (Tomo 3). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

Meireles, C. (s. d.). *Carta a Gabriela Mistral: documento digitalizado pelo Arquivo mistraliano da Biblioteca Nacional do Chile*. Santiago: Biblioteca Nacional, 1folha. Disponível em: http://descubre.bibliotecanacional.cl/primo_library/libweb/action/display.do?tabs=detailsTab&ct=display&fn=search&doc=bnc_dtlmarc3204483

Mistral, G. (1943, 30 jan). A cabalgada. *O Jornal*. Texto digitalizado pelo Arquivo mistraliano da Biblioteca Nacional do Chile. Santiago: Biblioteca Nacional. Disponível em: http://descubre.bibliotecanacional.cl/primo_library/libweb/action/dlDisplay.do?vid=BNC&afterPDS=true&institution=BNC&docId=dedupmrg29083349.

Mistral, G. (1943, 17 may). Recado para Inés Puyó sobre unas flores. *El Mercurio*. Texto digitalizado pelo Arquivo mistraliano da Biblioteca Nacional do Chile. Santiago: Biblioteca Nacional. Disponível em: http://descubre.bibliotecanacional.cl/primo_library/libweb/action/display.do?tabs=detailsTab&ct=display&fn=search&doc=bnc_dtlmarc3205099

Mistral, G. (1943, 28 nov). Recado sobre os “Tlalocs”. *A Manhã*, 146. Texto digitalizado pelo Arquivo mistraliano da Biblioteca Nacional do Chile. Santiago: Biblioteca Nacional. Disponível em: http://descubre.bibliotecanacional.cl/primo_library/libweb/action/display.do?tabs=detailsTab&ct=display&fn=search&doc=bnc_dtlmarc3205125

Mistral, G. (2005). *Gabriela Mistral y el Brasil*. Prólogo de Cecília Meireles. Santiago: LOM Editores.

Mistral, G. (2010). *Gabriela Mistral: en verso y prosa. Antología*. Edición conmemorativa. Lima: Asociación de Academias de la Lengua Española; Alfaguara.

Mistral, G. (s. d.). *Americanas del norte y del sur. Texto digitalizado pelo Arquivo mistraliano da Biblioteca Nacional do Chile*. Santiago: Biblioteca Nacional. Disponível em: http://www.coleccionesdigitales.cl:1801/view/action/singleViewer.do?dvs=1392293432925~797&locale=pt_BR&VIEWER_URL=/view/action/singleViewer.do?&DELIVERY_RULE_ID=10&search_terms=gabriela%20mistral&frameId=1&usePid1=true&usePid2=true.

Mistral, G. (s. d.). *Cuatro preguntas sobre José Martí. Texto digitalizado pelo Arquivo mistraliano da Biblioteca Nacional do Chile*. Santiago: Biblioteca Nacional. Disponível em: http://www.coleccionesdigitales.cl:1801/view/action/singleViewer.do?dvs=1391799831028~279&locale=pt_BR&VIEWER_URL=/view/action/singleViewer.do?&DELIVERY_RULE_ID=10&search_terms=gabriela%20mistral&frameId=1&usePid1=true&usePid2=true.

Mistral, G. e Ocampo, V. (2007). *Esta América Nuestra: correspondencia de 1926-1956*. Introducción y notas de Elizabeth Horan y Doris Meyer. Buenos Aires: El cuento de la Plata.

Mora, C. (s/d). *Mistral y las vanguardias*. Centro Virtual Cervantes. Texto digital. Disponível em: http://cvc.cervantes.es/literatura/escritores/mistral/acerca/acerca_02.htm.

Pizarro, A. (2004). El «invisible college»: mujeres escritoras la primera mitad del siglo XX. *Cuadernos de América sin nombre*, (10), 163-176.

Pizarro, A. (2005). *Gabriela Mistral: el proyecto de Lucila*. Santiago: LOM; Embajada de Brasil en Chile.

Richard, N. (2002). Experiência e representação: o feminino, o latino-americano. Em *Intervenções críticas: artes, cultura, gênero e política* (142-155). Belo Horizonte: Editora da UFMG.

Schmidt, S.P. (2004). Como e porque sômo feministas. *Revista de estudos feministas*. 12 (número especial), 17-22.

Teitelboim, V. (1996). *Gabriela Mistral: pública y secreta*. Santiago de Chile: Sudamericana.

Valbuena Prat, A. e Del Saz, A. (1956). *Historia de la literatura española e hispanoamericana*. (3. ed.) Barcelona: Juventud.

Cómo citar este artículo

da Silva, J. (2015). Em torno de um (in)visible college na América Latina. *Universitas Humanística*, 79, 165-189. <http://dx.doi.org/10.11144/Javeriana.UH79.etic>